

União com divergência

M. CAVALHEIRO
Da Editoria de Política

O clima de campanha política, que Brasília viverá em breve terá todos os ingredientes conhecidos: shows, comícios, manifestações, panfletagem e o infalível corpo-a-corpo. A campanha pelas eleições diretas para governador, vice-governador e assembleia legislativa terá também um componente insólito: os partidos estarão unidos nesta luta, mas divergindo sobre uma série de pontos e disputando, simultaneamente, os espaços que empregarão na próxima campanha eleitoral. Uma força unindo e outra desagregando.

Assim, enquanto o PMDB prepara sua própria luta, para jogar a forte organização partidária nas ruas, pensa nas diretas — mas pensa também em recuperar uma imagem desgastada e se fortalecer para a disputa eleitoral, conforme explica Maerle Ferreira Lima, que apresentou à Executiva do partido a proposta, aprovada, de participação no movimento. O vice-presidente do PT no Distrito Federal, Geraldo Magela Pereira, assinala a situação no mínimo um tanto constrangedora por que passarão os peemedebistas nos palanques, se participarem de atos do comitê suprapartidário: os opositores de José Aparecido, especialmente o PT e o PDT, lá estarão jogando suas farpas. O caldeirão está pronto, a fogueria vai sendo acesa.

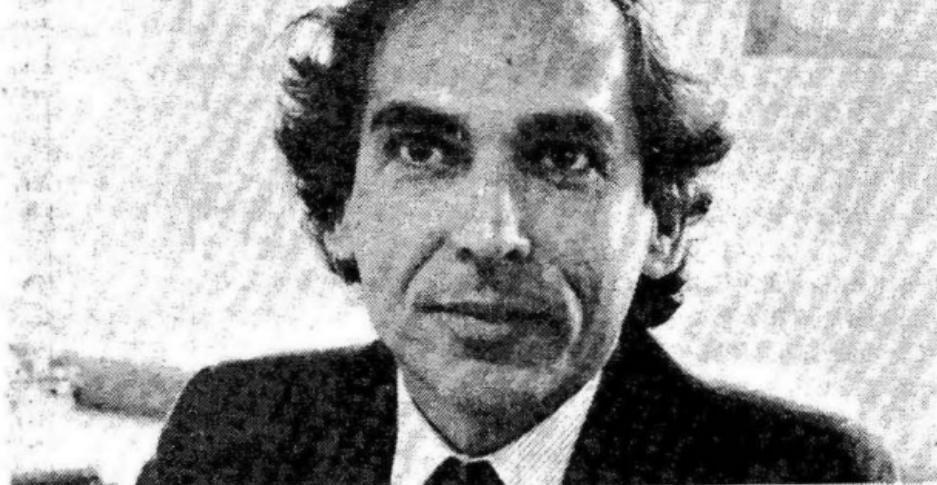
“Esta história de movimento suprapartidário aqui em Brasília já era”, dispara Maerle. “O PMDB apoia o comitê, mas terá uma atuação política independente”, complementa lembrando que o PT e o PDT são adversários políticos importantes e que todos os partidos, exceto aqueles que não dispuserem de es-

trutura para tanto, vão buscar espaços durante a campanha pelas diretas. “Eu mesmo estou esquentando os motores para ir às ruas”, reforça.

O PT vai “trabalhar na coleta de assinaturas”. Mas “em todas as atividades vamos colocar nossas propostas”, adverte Magela, já acenando com a possibilidade de o partido partir para uma campanha própria, buscando 30 mil assinaturas para apresentar uma emenda, caso os artigos aprovados pela Subcomissão da União, do Distrito Federal e dos Territórios, na Constituinte, não satisfaça as aspirações petistas. “Queremos que a Constituição consagre já a autonomia do DF, enquanto outros partidos, como o PMDB e o PCB, acham que isto pode ser feito por lei complementar”, explica.

Outra divergência do PT, em relação ao projeto elaborado pelo comitê suprapartidário, refere-se à data: “Queremos eleições 180 dias depois da promulgação da Constituição, desde que não passe de 15 de novembro de 1988”, define Magela. E completa: “Queremos nos ver livre do Aparecido, como de qualquer outro governo ilegítimo, o mais rápido possível”.

Ao admitir que a campanha é também uma boa oportunidade para recolocar o PMDB nas ruas e recuperar uma imagem desgastada, Maerle deixa entrever uma crítica ao governador José Aparecido. “É preciso reconhecer que a imagem do partido está desgastada e que se o Governo não fizer nada a situação vai ficar difícil”, declarou o dirigente peemedebista. Aparecido que se prepare. De um modo ou de outro, afinal, ele representa a figura do governador nomeado, em uma cidade cheia de problemas e carente de soluções. Será o alvo predileto da oposição.



Maerle teme que o PMDB seja atropelado